

# REBANHOS

RUBEM BRAGA

Chegou da Europa o bispo d. Muniz, da cidade de Barra, Estado da Bahia. Deu uma entrevista; e no meio dela passa um pito em suas ovelhas brasileiras. Diz d. Muniz:

"Nos diferentes países que visitei, estive nos grandes santuários europeus, onde as constantes e numerosas peregrinações, reunindo crentes vindos de todas as partes do mundo, mesmo das mais longínquas, atestam a vitalidade da fé e o prestígio da Igreja, apesar dos golpes que lhe têm sido desferidos. Em nenhuma parte, porém, em Portugal, na Espanha, França, Alemanha e Itália, vi em torno dos lugares santos as cenas contrastadoras que se contemplam no Brasil, nas épocas de romarias. Na maior parte dos santuários nacionais, em torno dos lugares santos, para atrair os fiéis, que

all vão conduzidos pela fé, instalam-se toda sorte de explorações condenadas pela Igreja, profligadas pelos sacerdotes, mas toleradas complacientemente pelas autoridades. Em Bom Jesus da Lapa, por exemplo, mais de uma vez tenho intervido inutilmente junto aos poderes competentes para que se coibam os diferentes jogos de azar montados nas épocas de romaria. Meus esforços são inúteis, e minha tristeza foi maior ao verificar o respeito com que todos, indistintamente, povo e autoridade, cercam os lugares que a tradição e a fé tornaram sagrados na Europa."

Convido o bispo d. Muniz a não ficar tão triste assim com o Brasil; se desde o tempo da colônia o adro de nossas igrejas foi palco de prazeres profanos, a verdade é que, para um observador imparcial e sem rebanho a zelar, nem mesmo pastor a seguir, como é o meu caso, o respeito pelas coisas santas me parece bem maior no Brasil que em muitos países da Europa. Que os malandros armem sua roleta de "jaburu" para atrair as pratas dos romeiros, é lamentável; mas não convém esquecer que sempre foi o próprio clero, com o mais pio dos propósitos, que tolerou e explorou, no Brasil, a paixão pelo jogo: as barraquinhas com sorteios de prendas são um seu velho expediente para atrair o dinheiro indocil dos fiéis.

E para consolar d. Muniz, quero contar-lhe o que eu comprei em Lisieux e, com meu suave espírito de porco, trouxe de presente para um amigo católico. A cidade de Santa Teresa de Jesus (onde é sempre comovente visitar o convento e a casa em que ela viveu, menina e moça, com seus pobres cadernos de geografia sobre a mesinha de estudos) tem ruas inteiras cheias de lojas de artigos religiosos. A imagem de Teresinha ali está, gravada por todos os meios, em todos os materiais possíveis e imagináveis, em uma espantosa profusão de objetos — abajur, lapiseira, corta-papel, em ouro, prata, bronze, vidro, pano, barro, matéria plástica, madeira, porcelana, marfim, pedra, papel, tudo. Desse imenso emporio do mau gosto e da exploração eu trouxe, reverendíssimo, um cinzeiro. Custa barato, e está exposto e pode ser comprado lá em qualquer loja. É um cinzeiro de vidro, de forma circular e tamanho normal. Só o que tem de extraordinário é que no fundo, sob o vidro, está colada uma pequena imagem colorida da santa, sorrindo, com rosas na mão. Quando a gente bate a cinza do cigarro, é sobre a imagem que se bate.

Que comerciante brasileiro teria coragem de expor à venda, e que fiel teria gosto em comprar essa pequena monstruosidade? Ali, entretanto, em Lisieux, junto à casa e ao convento de Teresinha, esse cinzeiro é apenas uma inquietude entre milhares de outras, na feira permanente onde se luta pelo dinheiro do turista. Seria possível, reverendíssimo, fazer o mesmo com uma imagem do Bom Jesus da Lapa, ou do Senhor do Bonfim? A este não se permite mais nem que se lhe lave a igreja — numa festa ingenua e bela que, na própria Roma, seria conservada com o mais carinhoso amor à tradição...

23.9.51